

---

## Signos do capitaloceno em dispersão na obra da banda Radiohead<sup>1</sup>

Marcelo Bergamin Conter <sup>2</sup>  
UFRGS

Lucas “Claus Canddie” Venceslau <sup>3</sup>  
IFRS

### RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da obra da banda inglesa Radiohead partindo de uma cartografia que reconhece signos do capitaloceno dispersos nos nove álbuns de estúdio lançados pela banda entre 1993 e 2016. Alia-se a tal método o conceito de dispersão em Foucault, para inferir que tais signos estariam disseminados pelas sonoridades latentes nas obras. As semioses identificadas apontam para um rizoma capitalocênico, onde diferentes aspectos dos modos de ser e estar no capitalismo tardio são entrelaçados e criticados, antecipando as ponderações de Moore sobre o Capitaloceno e as relacionando com a crise de pensamento evidenciada pelo Antropoceno.

### PALAVRAS-CHAVE

Radiohead; Capitaloceno; Distopia; Semiótica; Cartografia.

"A música ensaia e antecipa aquelas transformações que estão se dando, que vão se dar, ou que deveriam se dar, na sociedade".  
(WISNIK, 2009, p. 13)

Entre 1993 e 2016, a banda inglesa Radiohead produziu nove álbuns de estúdio que compõem uma das mais insólitas trajetórias artísticas do rock alternativo. Das baladas

---

<sup>1</sup> Exemplo: Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor de Teorias da Comunicação na UFRGS. Doutor e mestre em Comunicação pela mesma instituição. e-mail: marcelo.conter@ufrgs.br.

<sup>3</sup> Graduando do 6º semestre do Curso Superior de Tecnologia em Produção Multimídia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus Alvorada*. Bolsista FAPERGS. (Edital IFRS 12/2023). e-mail: oclauscanddie@protonmail.com.

---

radiofônicas e guitarras distorcidas em diálogo com o grunge noventista que compõe os dois primeiros álbuns, a banda rapidamente tomou caminhos inesperados em direção à vanguarda. Paradoxalmente, quanto mais pareciam se afastar do *mainstream*, mais sucesso, mais fãs e mais elogios da crítica receberam. Com *OK Computer* (1997) e seus temas de alienação política, apatia social e crítica ao capitalismo financeiro, a banda fez um retrato sonoro do fim do século XX no ocidente. O quarto álbum, *Kid A* (2000), parecia imaginar um futuro distópico e imerso em catástrofes, como sua capa bem preconiza, onde montanhas congeladas impõem contraste sob um céu em chamas. Sonoramente, *Kid A* conta com compassos não-usuais para a música pop (5/4, 10/4), letras ambíguas e com sentidos múltiplos ou indefinidos e arranjos que desafiam o tonalismo ocidental. Em seguida, a banda seguiria enveredando por caminhos similares nos próximos cinco álbuns: progressivamente, as críticas ao capitalismo tardio vão dividindo espaço com temas escatológicos e relacionados à mudança climática.

Em paralelo ao desenvolvimento da obra do Radiohead, a situação global no que concerne capitalismo tardio e mudanças climáticas só piorou. Dado que as catástrofes têm se tornado não apenas mais frequentes, mas também afetando diretamente ambientes urbanizados, a discussão sobre o Antropoceno, isto é, a de uma era em que a humanidade é agente das mudanças geológicas tem se demonstrado incontornável. Mais do que isso, é preciso reconhecer que a crise não é apenas climática, mas também é uma crise do pensamento (PETRUCCI, 2024) e que é preciso novos modelos epistêmicos e estéticos para compreender o tempo das catástrofes no qual (sobre)vivemos. Aos autores desta pesquisa, fica a sensação de que os álbuns do Radiohead, como cabe a toda grande obra de arte, vem se antecipando nesse sentido, preparando nossa percepção (cf. BENJAMIN, 2019, p. 58) e atijando nosso pensamento para o Antropoceno.

Este trabalho propõe uma análise da obra do Radiohead à luz dos conceitos de Distopia<sup>4</sup> e Capitaloceno<sup>5</sup>, utilizando uma abordagem que combina elementos da semiótica e do estruturalismo. A pesquisa se concentra em mapear fabulações distópicas do capitalismo tardio presentes na discografia da banda, por meio do método cartográfico

---

<sup>4</sup> Conceito cunhado por John Stuart Mill que descreve uma sociedade ficcional onde as condições de vida são extremamente negativas (MATOS, 2017), frequentemente devido a um governo opressivo, controle totalitário, ou algum tipo de catástrofe social. Caracteriza-se por uma visão sombria do futuro, explorando temas como a perda de liberdade individual, a desigualdade social, a vigilância extrema, dentre outros elementos distorcidos da realidade.

<sup>5</sup> O termo proposto pelo filósofo Jason W. Moore, em contraponto ao Antropoceno, centraliza a influência dominante do capitalismo na conjuntura de uma suposta nova era geológica atual. (MOORE, 2015).

---

de Rolnik e Guattari (2013). Alia-se a tal método o conceito de dispersão em Foucault, para inferir que tais signos capitalocêntricos estariam disseminados na discografia do Radiohead, através de manifestações de signos dispersos (SILVA et al, 2022): versos, timbres, melodias e até nas próprias conjunções e traduções intersemióticas (PLAZA, 2010) promovidas pelas sonoridades latentes nas obras. Isto motivou o reconhecimento de um território de significação na obra musical, valorizando sua complexidade, fluidez e diversidade temática, que se constituem por meio de semioses afetivas (CONTER; TELLES; SILVA, 2017) constituindo um rizoma capitalocêntrico disperso e que só pode ser compreendido no tempo presente.

Em nossas análises, reconhecemos de saída alusões a distúrbios psicológicos que operam como um elemento que enreda e situa um ser social (muitas vezes o eu-lírico das canções) que se sente limitado, catatônico, anestesiado ou apático diante, primeiro, de eventos cotidianos, depois, nos últimos álbuns, diante da nossa incapacidade de lidar com o Antropoceno. Em *Pablo Honey* e *The Bends*, personagens ansiosas, adoecidas e esgotadas relacionam seus distúrbios, predominantemente, a desilusões amorosas e desajustes sociais; já em *OK Computer* inicia-se um processo de reconhecimento das implicações do capitalismo tardio na formação de subjetividades, que se intensificará em todos os álbuns lançados na sequência.

A banda edifica uma parte substancial da unidade estilística (e temática) dos álbuns a partir de observações ou reflexos das contradições presentes no próprio *modus vivendi* do capitalismo tardio; a partir disso, entendemos que tanto os teóricos do Antropoceno quanto o Radiohead em si parecem partir de territórios semelhantes (ou signos primordiais similares) na direção de pontos comuns que podem ser entendidos, mesmo que subjetivamente, na ideia de Capitaloceno. Importante destacar que boa parte da obra da banda estabelece reflexões sobre modos de ser e estar no mundo ocidental em sociedades capitalistas e pós-industriais, e que tais temas vão tomando conta da obra progressivamente.

Em *Pablo Honey* (1993), a relação entre indivíduo e estereótipos dessa sociedade aparece em *Creep* e *Anyone Can Play Guitar*, mas sem estabelecer uma crítica mais densa ao capitalismo; Em *The Bends* (1995) é que isto começa a aparecer melhor, em *Fake Plastic Trees* por exemplo, mais ainda com letras em primeira pessoa e composições no formato canção e radiofônicas; é de *OK Computer* (1997) a *Hail To The Thief* (2003) que a comunicação do capitaloceno vai se encontrar mais concentrada, encontrando-se ainda,

---

mas com menor intensidade, nos últimos três álbuns, *In Rainbows* (2007), *The King Of Limbs* (2011) e *A Moon Shaped Pool* (2016).

Já as fabulações de catástrofe aparecem logo na primeira faixa do primeiro álbum, mas como metáfora para um relacionamento: em *You*, Yorke dirige-se a uma pessoa que é tudo (*the sun, the moon and the stars*) e que da qual se é impossível fugir, a ponto de não acreditar em si próprio (*why should I believe myself, not you?*). Como se o mundo estivesse acabando, ambos se encontram em uma situação em que tudo está em combustão. Em *OK Computer* (1997), o romantismo é deixado em segundo plano, dando espaço para comentários sobre a passividade da sociedade contemporânea, mesmo diante de eventos insólitos, como sobreviver a um acidente de carro (em *Airbag*) ou de avião (em *Lucky*). Nestes três primeiros álbuns, a experiência da catástrofe ainda é pessoal e desconectada de eventos climáticos. Mas é como se fosse preparando terreno para os temas que começam a tomar forma a partir do quarto álbum.

Em 2007, a banda descobriu por meio de uma auditoria que a turnê mundial de *Hail To The Thief* emitiu oito toneladas de dióxido de carbono na atmosfera. Diante disto, foram tomadas diversas medidas para reduzir a pegada de carbono, esforço que a colocou como a banda mais limpa em 2008 (MILSKY, 2012). Já nas canções, nota-se que de *In Rainbows* (2007) até o último álbum, temas relacionados à mudança climática e às catástrofes passam a tomar conta.

Como proposto por Anelise de Carli (2024), "[e]m adição a pensar sobre a crise climática, nós precisamos sentir, e, de modo a sentir não estando lá, narrar" (CARLI, 2024). As sonoridades da banda, no nosso entender, são centrais para a edificação da obra da banda como um lugar não só para sentir, mas também para narrar os signos dispersos do capitaloceno, pois os sons, para além de comunicar sentidos, também são capazes de produzir presença (GUMBRECHT, 2010) e com isso elaborar narrativas sonoras do capitaloceno. Em *Kid A* (2000), a faixa *How to disappear completely* imagina o corpo de Thom Yorke sendo levado por uma onda gigante no rio Liffay, situação que é traduzida sonoramente no final da canção por glissandos descendentes em terça menor fora de sincronia executados por diversos instrumentos. O trecho produz uma sensação de estarmos diante de um evento de gigantesca magnitude, como um hiperobjeto. Também do *Kid A*, a faixa *Everything in its right place* justapõe o título com a dificuldade de acompanhar a métrica da faixa, atipicamente arranjada em 10/4 e com um único compasso

---

no meio em 9/4, o que nos remete para o quadrinho *this is fine* de KC Green<sup>6</sup> em que um cachorro diz para si "está tudo bem" em meio a um quarto em chamas. A apatia, que antes era simbolizada predominantemente nas letras em *OK Computer*, agora é materializada sonoramente em *Kid A*.

Os resultados revelam um panorama complexo das preocupações sociais, políticas e ambientais presentes na música do Radiohead não só verbalmente (nas letras), mas também, e principalmente, por meio das sonoridades, que potencializam uma semiose das sensações. As análises de composições musicais e letras da banda demonstram uma produção artística profundamente preocupada com temas como a alienação social, desigualdade socioeconômica, e a vulnerabilidade humana diante dos rumos da política representativa e do capitalismo. As semioses identificadas apontam para um rizoma capitalocênico, onde diferentes aspectos dos modos de ser e estar no capitalismo tardio são entrelaçados e criticados; antecipando as ponderações de Moore (2015) sobre o capitaloceno e as relacionando com problemas derivados da socialização em tempos de mídias de massa.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

CARLI, A. Fala realizada na conferência III Music Studies and the Anthropocene Research Network. In: CONTER, M. B.; CARLI, A.; PROTO, C. *The Sound Crisis: Narrating the Anthropocene in Audiovisuals. Provocation 1: Sound Narration*. Inédito, 2024.

CONTER, M. B.; SILVEIRA, M. T.; SILVA, A. **Semiótica das afecções: uma abordagem epistemológica**. 2017.

FOUCAULT, M. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

MILL, J. S. **Public and parliamentary speeches – Part I – November 1850 – November 1868**. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

MILSKY, D. Taking the Sting out of environmental virtue ethics. In: FORBES, W.; REISCH, G. **Radiohead and philosophy: fitter happier more deductive**. Chicago: Open Court, 2012, p. 101-110.

MATOS, A. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, jan./dez. 2017

---

<sup>6</sup> Cf. <https://museudememes.com.br/collection/this-is-fine>. Acesso em 11 jun. 2024.

---

MOORE, J. W. **Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital.** Verso Books, 2015.

PETRUCCI, M. **Antropoceno: da crise climática à crise do pensamento.** Porto Alegre: Contratempo, 2024.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROLNIK, S.; GUATTARI, F. **Micropolítica: Cartografias do desejo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SILVA, A. R. et al. **Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros sobre o audiovisual: arqueologia, semiótica e desconstrução.** Intexto, 54, nº 54, agosto de 2022, p. 120608, doi:10.19132/1807-8583202254.120608.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.